



C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISEON

COSTUMES DOS TURCOS

Não é muito fácil formar uma idéa exacta do caracter e costumes de um povo que, não obstante visitado a miude, nos é ainda pouco conhecido, e cuja lingua, talvez considerada como a de um povo barbaro, tem sido desprezada pelos nossos sabios. Esta difficuldade sobe de ponto em presença das exaggeradas narrações dos viajantes. Uns teem elogiado os Turcos de modo tal que, tudo quanto em seu favor se diga, é pouco; outros, pelo contrario, teem só visto n'elles os homens crueis, ignorantes e fanaticos, que levaram o ferro e o fogo á decantada patria dos Pericles e dos Demosthenes. Effectivamente, o procedimento dos Musulmanos, para com os povos que lhes estão sujeitos, tem sido extremamente barbaro; mas lancemos um olhar pelos seus vizinhos russos, pela Italia e pela Hespanha... o que vemos?

Comtudo seria injustiça considerar os Ottomanos debaixo do mesmo ponto de vista que os outros povos da Europa; poucas reformas tem havido em seus costumes antigos, as sciencias e as artes pouco ou nenhum desenvolvimento teem tido, e o fanatismo e a superstição, que os dominam, levamos á pratica dos maiores absurdos. Os paizes, que lhes estão submettidos, são governados como terras de conquista e os tributos lançados sobre os subditos não são, a seus olhos, mais do que um resgate. Nos gregos, nos armenios e nos judeos só vêem povos avassalados; e que interesse poderiam excitar-lhes homens que designam pelo nome de *cães*? Altivos para com os estrangeiros, não renunciam ao seu exterior soberbo senão diante d'aquelles que recebem como hospedes; então a hospitalidade franca e generosa que lhes dispensam, faz lembrár a dos antigos patriarchas. A sua caridade para com os pobres não tem limites; e é d'isto uma prova clara os numerosos estabelecimentos chamados *Karvanserais*. Os senhores abastados empregam uma parte dos seus rendimentos na edificação de hospícios, em dotes para os mesmos, ou, na construcção de fontes em caminhos aridos. Com a affectuosa hospitalidade dos tempos primitivos, teem tambem conservado a maior devoção; nunca o Musulmano empreende um negocio importante, sem que, antes de effectual-o, dirija ao céu uma supplica; depois, cheio de confiança na bondade de Deus, espera com santa resignação todos os acontecimentos, e quando a desgraça vem feril-o, em vez de derramar lagrimas, humilha a fronte no pó, e consola-se pensando que Allah assim o quiz.

Quanto á sua habilidade na guerra, bastantes e gloriosos são os titulos que apresentam; basta citar as façanhas de Mahomet, Solimão e outros muitos guerreiros, aos quaes não poderam resistir nem os esforços desesperados de Paleologos, nem o grande valor dos cavalleiros, senhores de Rhodes, nem a audacia dos aventureiros italianos, que Minotti commandava. Se os Turcos modernos n'este ponto estão muito longe dos seus antepassados, não é porque a sua coragem tenha degenerado; hoje que

o sangue frio e o calculo substituiram a coragem ardente dos antigos, e decidem da sorte dos combates, os exercitos ottomanos, mal disciplinados, sem tactica e com um artilheria fraca e mal organizada, não podem lutar com os das outras nações da Europa, que os excedem, unicamente, n'aquellas duas vantagens.

O seu governo em tempo de paz é ainda mais ruinoso. Um despota fraco, nos momentos difficeis, gosando de um poder illimitado para fazer mal; a escandalosa venalidade que cede os empregos a quem mais offerece; ministros ávidos de dinheiro, sacerdotes ignorantes e fanaticos; taes são os cancores que roem pouco a pouco o imperio ottomano. A sua força tem, de dia para dia, diminuido, e talvez que, dentro em pouco, deixe de ser contado entre o numero das nações. Os seus ultimos soberanos tentaram, é verdade, innovações uteis; mas alguns pagaram caro a sua temeridade, e não foi sem uma carnificina medonha, que Mahmoud conseguiu destruir o corpo dos janizaros, prompto sempre a sublevar-se. Operou mesmo outras mudanças nos costumes dos seus subditos; mas os seus progressos teem sido lentos, e o fructo será, sem duvida, tardio.

Fóra dos tempos guerra o turco parece esquecer na tranquillidade do seu retiro, as penas d'esta longa peregrinação que se chama vida. Para elle a existencia não é outra coisa além de um sonho feliz que só deve acabar no tumulto, um banquete cujas delicias deve haver pressa em gosar. Grave silencioso, indifferente a todos os interesses mesquinhos da terra, passa os dias languidamente estendido sobre as macias almofadas do seu sophá, rodeado das nuvens odoríferas que saem da sua caixa de perfumes ou do seu longo cachimbo. Saboreia o bello café de Moka, e o opio transporta-o em delicioso sonho ao paraizo de Mahomet onde vivem as huris de olhos pretos.

Nos momentos de enfado as suas mulheres dançam lhe emtorno e cantam ao som da suave harmonia dos alaudes. Depois de ceia faz as abluções do costume, dirige ao céu a sua oração quando a voz do *muezim*, se faz ouvir do alto das torres das mesquitas e adormece entre sonhos de amor nos braços da sua formosa escrava Circassiana.

As mulheres, ainda que guardadas com todo o cuidado, não são tão privadas de liberdade, como muitos viajantes teem affirmado. O seu dote assegura-lhes uma tal ou qual independencia, e o uso da polygamia é muito raro, não obstante, o *Corán* permittir ao homem desposar quatro mulheres. Além d'isso ellas sabem perfeitamente vingar-se de um marido infiel, graças a certas mulheres judias ou armenias que teem livre accesso nos harems. Sustentam uma correspondencia amorosa por meio de flores dispostas de certa maneira e não é muito raro o ver entrar um ou outro aventureiro no recinto sagrado, a pezar dos olhos penetrantes dos eunuchos. Os cemiterios turcos, plantados de cyprestes e de platanos, são muitas vezes testemunhas das apaixonadas declarações dos amantes.

As habitações, em geral, de fraca apparencia, por assim o determinarem os livros da sua lei, são decoradas interiormente com grande magnificencia. Pateos espaçosos, rodeados de galerias sumptosas sustentadas por arcos e columnas e ornados de fontes, quartos forrados de soberbos tapetes da Persia e assoalhados de preciosa madeira, pilastras, balaustres, arcos enriquecidos de arabescos de ouro e azul e de pinturas de flores, uma rica salla de banhos, onde quasi tudo é marmore, janellas, que n'este bello clima, dão livre accesso ao vento agradável e aos passaros, varandas cheias de vasos de flores, kiosques, boscagens onde se veem o lílãs, o loureiro, roseiras, lorangeiras, e no sitio mais retirado o harem; tal é a bella morada onde o Musulmano espera o dia em que se devem cumprir as promessas do *Coran*.

RÃ-PULANTE

III

A maneira de caracterisar os nossos oito heroes era muito simples, sufficiente, porém, para os designios de Rã-Pulante. Ora, é preciso notar, que no tempo em que isto aconteceu, rarissimas vezes appareciam animaes d'aquella especie nos paizes civilizados; e por isso, como as imitações eram em extremo bestiaes e horrendas, todos accreditaram na semelhança.

Vestiram, primeiramente, camisolas e calças de algodão, em ponto de meia. Depois foram alcatroados desde os pés até ao pescoco. N'esta occasião um dos ministros suggeriu a apposição de pennas; mas, foi immediatamente rejeitada a idéa pelo bobo, que com uma demonstração occular, depressa convenceu os oito personagens de que o pello de um animal como o orangotango, era com mais fidelidade representado pela estopa, do que pelas pennas.

Por conseguinte, foi-lhes applicada por cima da camada de alcatrão, uma espessa camada de estopa. As caras tambem foram untadas de uma materia viscosa e, bem como o corpo, cobertas de uma camada semelhante. Estavam lindissimos! Todos riam a bom rir, e não cessavam de fazer reflexões sobre o effeito que produziria a sua entrada no baile. Já não faltava senão a cadeia para complemento da grande obra. Não tardou, porém em apparecer, e com as dimensões exigidas. Foi, portanto, em primeiro lugar, lançada em roda do rei, e, convenientemente, apertada; depois em roda da cintura do primeiro ministro e, igualmente, comprimida; seguiu-se o terceiro, para com o qual se obrou do mesmo modo; e assim successivamente. Terminada esta operação, afastaram-se, quanto podiam, uns dos outros, e formaram um circulo, dentro do qual, Rã-Pulante, para completar a verosimilhança, achou meio de inscrever, com o resto da cadeia, uma cruz.

A grande sala em que devia ter lugar o baile, era uma casa circular, de grande pé direito (como hoje diria uma notabilidade architectonica) e que apenas recebia a luz do sol por uma claraboia.

De noite, (era só quando d'ella se serviam) costumava ser illuminada por um grande e magnifico lustre, pendente da claraboia por uma corrente, cuja extremidade livre sustentava um contrapeso com o auxilio do qual o lustre podia baixar ou elevar-se *ad libitum*. Mas para não prejudicar a elegancia estava este contrapeso da parte exterior sobre o telhado.

A decoração da sala, tinha sido confiada aos cuidados de Castanheta, que, provavelmente, em certos pontos consultou o sensato juizo do seu amigo anão; pois, foi por conselho d'este que na celebre noite do baile, o lustre não figurava no lugar do costume. Como o excessivo numero de convidados devia occupar todas as regiões da sala, tiveram naturalmente em vista, com esta disposição, o evitar que sobre os sumptuosos fatos dos convivas mascarados cuspissem as vellas insultos frequentes de cera fundida. Portanto, novos candelabros foram dispostos em differentes partes da sala, e ao lado de cada uma das cariatides, que em torno a guardavam, em numero de cincoenta a sessenta, ardião tochas, que projectavam abundantes e variados reflexos sobre quanto n'ella existia.

Os oito orangotangos, seguindo o conselho de Rã-Pulante, esperaram, para fazerem a sua entrada, que a salla se enchesse completamente de mascarados; o que durou até á meia noite; mas logo que no relógio soou a ultima badalada, irromperam com furia tal, que, presos, como estavam pelas cadeias, caíram rolando confusamente.

A sensação produzida por este inesperado acontecimento foi prodigiosa e encheu de alegria o coração do rei. Como se esperara, o maior numero dos convidados acreditou que, estes entes de aspecto feroz, eram verdadeiros animaes de uma certa especie; não precisamente orangotangos. Muitas senhoras desmaiaram; e se o rei não tivesse tomado a precaução de prohibir n'aquella noite o uso de armas, teriam pago, desde logo, com sangue o divertimento. A confusão, o susto não podiam ser maiores. Todos corriam para ás portas como loucos; mas em vão, porque o rei tinha ordenado que as fechassem, logo depois da sua entrada e, conforme lhe aconselhara o anão, as chaves haviam-lhe sido entregues.

Emquanto durou o tumulto, e que cada um pensava na propria salvação, — porque, em verdade, n'este panico e n'esta desordem havia um perigo real, — ter-se-ia visto a cadeia, que servia usualmente para suspender o lustre, descer, descer até a sua extremidade, em forma de anzol, ficar a tres pés da altura do sobrado.

Poucos instantes depois, os orangotangos, tendo-se arrastado pela sala em todas as direcções, acharam-se, em fim, no centro e em contacto com a cadeia. Em quanto se conservavam n'esta posição, o bobo, que os tinha seguido sempre de perto, induzindo-os a attentar na commoção, apoderou-se da cadeia na intersecção dos dois diametros e, com a rapidez do pensamento, prendeo-a ao anzol. Em seguida, como por encanto, subiu a cadeia a sufficiente altura para ficar fóra de todo o alcance

e conseqüentemente levou após os orangotangos em confusão reunidos.

As mascaras, durante este episodio, tinham paulatinamente recobrado animo; e como já começavam a tomar tudo isto como um brinquedo, engenhosamente combinado, desataram-se a rir, despropositadamente, vendo a estranha posição dos macacos.

—Guardai-m'os! gritou Rã-Pulante, com uma voz que retumbou sobre o tumulto; —guardai-m'os bem, parece-me que os conheço. Vou certificar-me para dizer-vos já os seus nomes.

Então, engatinhando por cima das cabeças da multidão até proximo da parede, lançando mão de uma tocha e voltando, como tinha ido, para o centro da sala, saltou como um macaco á cabeça do rei, trepou pela corrente a alguns pés de altura e aproximando a chamma do grupo, como que para examinal-o, exclamou: —Depressa descobrirei quem elles são!

Depois, em quanto toda a assembléa, —incluindo os macacos — ria a bom rir, o bobo soltou subitamente um assobio agudo e a cadeia subiu mais uns vinte pés, levando consigo os orangotangos, que se debatiam atterrados. Rã-Pulante, seguro á cadeia, tinha tambem subido com ella e guardava sempre a sua posição relativamente aos oito mascarados; mas continuando a aproximar d'elles a tocha accesa, como que procurando descobrir quem eram.

Toda a assembléa ficou de tal modo estupefacta com esta ascensão, que se mergulhou em profundo silencio pelo espaço de um minuto, pouco mais ou menos, silencio que foi interrompido por um ruido surdo e aspero, como aquelle que attraiu a attenção do rei e dos seus respeitaveis conselheiros, quando este atirou o vinho á cara de Castanheta. Porém, no caso presente, não havia que procurar donde partia o estridor; saio da bocca do anão, que rangia os dentes como um desesperado, e lançava dos olhos faiscas de raiva para o rei e os seus sete companheiros, cujos rostos estavam voltados para elle.

—Ah! Ah! — disse enfim o anão, furibundo, — ah! ah! principio agora mesmo a conhecel-os.

Então, sob pretexto de examinar os mascarados de mais perto, chegou tanto o fogo á estopa que a inflammou. Em menos de trinta segundos os oito orangotangos ardiam, furiosamente, no meio dos gritos de uma multidão que os contemplava cheia de horror e sem poder prestar-lhe o minimo socorro.

Continuando as chammassas a augmentar de violencia, vio-se o anão obrigado a trepar mais alto para ficar-lhes fóra do alcance; e, em quanto executava esta manobra, a multidão recaiu, por um instante ainda, no silencio. O bobo aproveitando o ensejo tomou novamente a palavra.

—Agora, disse elle, vejo, distinctamente, de que especie são estas mascaras. Vejo um grande rei e os seus sete conselheiros privados; um rei que não esculpulisa em bater n'uma creança indefeza e sete conselheiros que o animam na sua atrocidade. Quanto a mim, sou simplesmente Rã-Pulante e esta é a minha ultima bobice!

Graças á extrema combustibilidade do linho e do alcatrão, apenas o anão acabou de proferir estas palavras, estava a sua vingança satisfeita. Os oito cadaveres balouçavam-se na corrente — massa confusa, fétida, fuliginosa, repugnante. O anão atirou a tocha para cima do grupo, trepou até ao tecto e desapareceu pela clara-boia. É claro que Castanheta, de sentinella no telhado, servio de cumplice ao seu amigo n'esta vingança incendiaria e que fugiram juntos para o seu paiz; porque nunca mais ninguem os vio.

PERES LORENZO

(Scenas da Campanha do Mexico)

Por PINHEIRO CHAGAS.

IV

Passaram-se alguns dias sem que Perez Lorenzo reaparecesse. Andava inquieto com a demora o coronel Dupin, e aos que lhe perguntavam porque motivo se não punha de novo a caminho a valente contra-guerrilha respondia, se era mexicano o perguntador, que, se Annibal se deixara seduzir pelas delicias de Capua que se não podia dizer que fosse um paraíso, não admirava que elle coronel Dupin, sem ser Annibal, se deixasse captivar pelas delicias de Medellin, que era o paraíso do Mexico, do Mexico que era o paraíso do mundo.

Um dia um dos seus interlocutores, mexicano esperto que não via com muito bons olhos a presença dos estrangeiros no seu paiz, observou-lhe, sorrindo-se, que Annibal, antes de adormecer em Capua, vencera em Cannas.

O mexicano era um rapasito dos seus dezoito annos, cuja casa o coronel Dupin frequentava muito, e a quem se affeiçoara particularmente.

—Deixe estar meu republicanosinho *échappé du collège*, disse o coronel rindo e puxando-lhe amigavelmente uma orelha, deixe estar que, se não tivemos a fortuna de Annibal, tambem não havemos de ter o infortunio d'elle. Diga ao seu amigo Juarez que se por acaso se está preparando para ganhar a batalha de Zama, póde mudar de ideia.

—Bom! tornou o mexicano, rindo-se. Juarez é Scipião. E que papel distribue a Juan Pablo? O de Fabio Maximo?

—Cunctator, pois não! Todos vocês são uns heroes da antiga Roma.

—Odiamos Cesar, coronel, e ainda mais Augusto, retrocou o mexicano com um fogo sombrio no olhar.

—Odeiem, odeiem, tornou Dupin rindo-se do entusiasmo do juvenil republicano, mas diga-me, o papá e a mamã estão hoje resolvidos a darem uma chavena de chá a Varo?

—Quem é Varo?

—Sou eu, homem! Pois recusa-me tambem esse titulo? General infeliz d'Augusto, mais dia menos dia vejo as minhas legiões estiradas por ahi nos plainos mexicanos.

—Olhe que a vontade é boa, tornou o mexicano rindo.

—Mercês, meu joven amigo.

—Mas, enquanto não se realisa o desejo, venha Varo tomar chá, e venha hoje que temos *tertullia*.

—Está dito, respondeu o coronel.

E despedio-se do seu juvenil companheiro.

—Coronel, gritou o moço mexicano depois de ter dado uns dez passos, traga os chefes das legiões e principalmente o *magister equum* Viarmont.

—Todos iremos, respondeu o coronel dirigindo-se para sua casa a passos vagarosos a fim de saborear a doçura e a placidez da tarde.

N'essa mesma noite em casa de D. Ramon (assim se chamava o mexicano) reunia-se a mais escolhida sociedade de Medellin. D. Ramon era rico e as suas *tertullias* gosavam de merecida fama. Tinha a sua casa um terraço todo plantado de bananeiras, laranjeiras, e pimenteiras, forrado de baunilhas, e perfumado pelas mais opulentas flores dos tropicos, e por esse fructo, que da flor tem o aroma, e que se chama ananaz.

Para esse terraço fugiam os pares muitas vezes fatigados do redemoinhar das valsas, e os caramancheis e as latadas, se fossem indiscretas, podiam repetir bastantes frases melodiosas de amor, que haviam sido confiadas á larga folha das bananeiras, ou á alva flor das grinaldas de noivas, que o vento desprendia manso e manso da ramada.

Na noite em que introduzimos o leitor nas salas do opulento mexicano, estava, como dissemos, animadissima a *tertullia*.

Os officiaes francezes, intrepidos valsadores, tinham arrancado as creoulas á sua habitual indolencia. As morenas filhas dos tropicos haviam-se lembrado da sua origem hespanhola, e os seus languidos olhos incendera-os um reflexo do fogo andaluz. A musica derramava na atmospherá da sala a torrente vertiginosa das notas de uma valsa de Strauss. As arvores do terraço entornavam pelas janellas abertas as suas urnas de perfumes. Tudo dizia amor, e nada recordava as scenas de guerra que se estavam a cada instante passando n'essas campinas, que se viam do terraço, e que n'esse instante pareciam adormecidas debaixo do docel de veludo azul do seu esplendido firmamento.

Na sala proxima d'aquella onde se dançava, a mesa do jogo estava mais rodeada, do que todas as rainhas de baile que agitavam garridamente os seus leques no salão. O jogo é a paixão dominante dos mexicanos, ou antes é a febre do paiz, a febre do oiro, *golden fever*, dizem os inglezes. E não era o modesto voltarete que desdobrava gravemente no panno verde as suas vasas disputadas, era o monte, o monte frenetico e vertiginoso, o monte que fazia oscillar de jogador para jogador riquezas, que dariam o bem-estar a dez famílias.

O oiro escorria em fulgidas torrentes sobre o panno verde da mesa. Os olhos negros, e brilhantes de esperança ou de raiva dos mexicanos seguiam com ansiedade o seu curso variavel, que mudava de direcção a cada capricho das cartas.

Entretanto o baile agitava as suas ondas graciosas de mulheres e de flores na sala principal.

Os officiaes francezes, ou mais pobres ou de coração mais inflammavel do que os mexicanos, preferiam apertar a delicada cintura das creoulas a assistir, com a fronte aljofrada de suor frio, á fluctuação caprichosa de enormes somnias. Alguns jovens mexicanos viam, com desagrado, a intervenção estrangeira passar dos negocios publicos aos namoros particulares. Ellas... achavam que os francezes valsavam admiravelmente. Pouco se lhes dava dos desastres da patria. Tambem as damas de Paris, depois da capitulação de Fontainebleau, achavam os Prussianos *des beaux valseurs*, e depois de Waterloo morriam pelos *favoris blonds* dos officiaes de Wellington.

Vivent nos amis
Nos amis les ennemis!

dizia, em nome d'ellas, Béranger.

E o caso é que assim foi sempre. Não ha patriotismo feminil que resista a uma declaração de amor, nem espiritos de Cornelia que não entontecam com uma valsa. Enquanto a mim, Brites de Almeida nunca mereceu as atenções do mais reles homem de armas do exercito castelhano, e Isabel Fernandes nunca pôde conseguir entrar no harem de Roume-Khan.

Entre todos os valsadores, era o capitão Viarmont o que mais intrepido se mostrava; de todos os galanteadores era elle o mais requetado. Fazia a cõrte á mais formosa senhora do baile, mexicana de tranças opulentas, e olhos de veludo, filha dos donos da casa, irmã d'esse joven republicano que dava generosamente ao capitão Viarmont o titulo da *magister equum* por elle ter sido nomeado, havia poucos dias, commandante da cavallaria da contra-guerrilha.

Findára uma polka, e a gentil mexicana (Dolores se chamava ella) fôra recostar-se n'um sophá. Ameigava-lhe o fogo do olhar essa morbidez creoula que invencivelmente se apossa das filhas d'esse paiz do sol; as palpebras semi-cerradas resguardavam-lhe a luz ardente das pupillas. As faces morenas tingiam-se do rubor do canção. As linhas fleumosas do corpo revelavam, nas suaves ondulações, a elegancia da hespanhola, e a graciosidade indolencia que maior realce lhe dava. Era uma estatua, não uma d'essas estatuas produzidas pelo genio austero de Phidias, revelando a formosura grega em todo o esplendor da sua nobre correcção, mas uma das que o genio hellenico produziu, quando a decadencia principiou, estatuas em que se sente já a lasciva inspiração oriental, em que a languidez de desenho e a molleza das linhas, se dão ao marmore um voluptuoso encanto, roubam-lhe a pureza e a correção nobre que immortalisam os grandes modelos.

As tranças negras fluctuavam-lhe em opulentos cachos sobre os hombros nus, que os beijos de fogo do sol haviam coberto de uma leve cõr morena. O pesinho impaciente e quasi invisivel batia distrahidamente o compasso da polka finda na esteira do salão.

A mãosinha, perfeitamente enluvada, agitava o leque ou antes a ventarola magnifica para cujas pennas haviam concorrido as mais esplendidas azas dos passaros americanos.

—Esses instantes de isolamento, sr.^a. D. Dolores, são um roubo que nos faz a nós todos e especialmente a mim, disse o capitão Viarmont aproximando-se da gentil senhora. Por onde vòo o seu pensamento? Oh! quem me dera colhel-o nos ares com um beijo. Parece-me que lhe prendi as azas. Dá-me licença que lhe diga o que o passarinho me disse.

—Diga, capitão, respondeu languidamente Dolores redobrando de velocidade no menear do leque, diga! quero ver se é adivinho.

—Se sou! Abi vai o que o passarinho me disse que V. Ex.^a lhe tinba dito mansinho: «Acabei de polkar, sinto uma commoção deliciosa, mas que não basta a satisfazer as aspirações insaciaveis da minha alma. Anceia ella por fragrancias ignotas, por ignotos esplendores, e as flores, que a minha mão colhe, não tem o perfume que eu desejo, e as noites estrelladas da minha patria não chovem o fulgor que me enleva. Essa flor desconhecida, essa desconhecida estrella não será por acaso o amor?» Aqui está o que V. Ex.^a dizia ao passarinho, que enviou depois a correr aventuras por esses ares.

—Guapo adivinho! respondeu Dolores com uma voz melodiosa como o ciciar da brisa nos ramos da palmeira, morria de fome, capitão, se quizesse exercer o officio de feiticeiro. Sabe em que eu pensava? N'uma *sigadilla* andaluza, que me ficou hontem no ouvido. Pensava n'ella, e cantarolava-a em voz baixa.

—Que lhe dizia eu! Sempre acertei! Uma *sigadilla* hespanhola, uma *sigadilla* andaluza! Oh! bem conheço as perfidas! Fallam de mil coisas, da toirada, do *cigarito*, da *navaja*, e só uma coisa dizem — amor Amor, voluptuosidade, requebros é o que ellas respiram, as maganas com a sua innocente desenvoltura! Sente-se o olhar gaiato da cantora no acompanhamento, no harpejo, n'uma insignificante melodia. Ha nas mais caprichosas variações um echo de castanholas, um doidejar de pésinhos no *bolero*, ha o requebro, ha o amor. São como a serenata do *D. Juan* de Mozart, ácerca da qual o meu compatriota Alfredo de Musset escreveu os seguintes formosissimos versos:

Te souviens-tu, lecteur de cette sérénade
Que Don Juan déguisé chante sous un balcon!
Une mélancolique et piteuse chanson,
Respirant la douleur, l'amour, et la tristesse
Mais l'accompagnement parle d'un autre ton.

E se as *sigadillas* assim são na fria Europa, como o não serão transportadas para a America? Não ha uma palavra só que a brisa d'estas florestas não impregne em ignotos perfumes, não ha uma só nota, a que as vagas do mar das Antilhas não acrescentem uma languida melodia! Não pensava em amor? e pensava em *sigadillas* hespanhas, n'uma noite d'estas, com o seio a arfar da agitação da polka, rodeada de musicas e de perfumes, aspirando pelos labios vermelhos todas as

desconhecidas sensualidades que expande esta natureza magica, este calido paiz...! Ai, Dona Dolores, olhe que ha um proverbio na sua lingua que diz que é muito perigoso...

—Muito perigoso o que?

—*Jugar com fuego*.

—Jesus! que peccado que eu commetti, segundo vejo, tornou Dolores garridamente, devo dizel-o ao meu confessor?

—Deos nos livre de tal. Confessou-m'o a mim, é quanto basta. Tenho plenos poderes e já lhe imponho a penitencia.

—Que não seja muito severa, capitão.

—Oh! sou indulgentissimo. A *sigadilla* que tinha no pensamento, e que em voz baixa cantava, ha de a cantar em voz alta.

—Não posso, capitão, tornou Dolores vivamente, não a sei cantar e não conheço o acompanhamento. Ficou-me hontem de a ouvir a uma rapariguita andaluza.

—Eu me encarrego de a acompanhar, tornou o official francez, apanho a melodia nos primeiros compassos, deixo-lhe a gloria toda do triumpho, se o houver, e, se houver *fiasco*, assumo eu só a responsabilidade.

—Veja o que diz, redarguiu a formosa mexicana erguendo-se, e encostando-se ao braço do capitão.

A languidez graciosa dos seus movimentos, a encantadora indolencia com que foi revelando a pouco e pouco a riqueza do seu talho esplendido, o gesto infantil com que arredou da fronte as tranças opulentas do seu negro cabello, o modo como poisou o pésinho aéreo no sobrado, o abandono (vá o gallicismo) com que se encostou ao braço de Viarmont, tudo isto entontecia, inebria o joven official, que de bom grado sacrificaria a um sorriso de Dolores o bastão de marechal de França, que tinha, como todos os seus camaradas, em perspectiva.

Assim que se annunciou na sala que Dolores ia cantar uma *sigadilla*, interromperam-se todas as conversações, e todos os olhos se viraram para o lado do piano. Se officiaes francezes principalmente fizeram roda, e o proprio coronel Dupin, apesar das graves preocupações que o absorviam e que o obrigavam a cravar de vez em quando os olhos na porta, como se esperasse ver apparecer alguem, aproximou-se do piano, e prestou sorrindo toda a sua attenção ao canto andaluz.

A voz de Dolores possuia não sei que vivacidade temperada por uma certa indolencia, que dava um tom indefinivelmente voluptuoso ás notas que gorgejava. A harmonia do canto acabou de entontecer Viarmont. O joven official, quando se levantou do piano, estava como que ebrio de harmonias, de luz de, perfumes, de formosura e de voluptuosidade.

Os applausos soaram com estrepito de todos os lados da sala, todos os officiaes francezes rodearam a juvenil cantora, e entoaram em torno d'ella um hymno suavissimo de lisonjas. Dolores, vermelha de orgulho satisfeito e de confusão tambem,

agradecia modestamente os louvores que lhe prodigalisavam, e ansiava por fugir ao seu triumpho.

Viarment percebeu esse desejo, e aproveitou-se d'elle. Offereceu o braço a Dolores, e propoz-lhe ir dar um passeio ao terraço para respirar mais de-saffrontada ao ar livre. A joven mexicana accellou com alegria, e ambos, esquivando-se do grupo, saíram do salão.

(Continua)

UMA ARTE PERDIDA

Os sabios, ao examinarem essas gigantescas produções dos egypcios, teem repetido muitas vezes: *já algumas artes estão perdidas!* Mas se tivessem lançado um olhar pelo luxo, pela magnificencia da mesa dos antigos, e comparassem o seu esplendor com a miseria de hoje, com quanta mais razão não teriam clamado:

A arte de comer acha-se inteiramente perdida! Effectivamente, o que são os nossos glotões á vista dos glotões romanos? Seria preciso recordar o rodovalho de Domiciano, os almoços de Maximiano as linguas de papagaio de Heliogabalo? Que immensa gloria a d'este imperador que offerecia metade do seu imperio por um molho novo! Que resolução a d'aquelle Apicis, de entregar-se a uma vida cujos unicos prazeres se limitavam ao dispendio de alguns milhões para ter uma soffri-vel mesa! Veja-se a multidão de manjares que possuíam os antigos e o numero das refeições que tinham logar durante o dia, *jenta ulum, prandium, merenda, cœnum, comessatio!* Que faculdade digestiva deviam possuir os romanos!...

Os homens teem, extraordinariamente, degenerado: a prova acha-se mais patente n'isto do que em todas as façanhas dos semi-deuses. Que de costumes caídos em desuso! que excellentes pratos perdidos! sem contar as viandas ordinarias, nas quaes se incluem os porcos assados, ventres de javali, cabras, dominhas, raposas, cobras e sobre tudo os pardaes, pavões reaes, os tordos de Lucullor cysnes, porquinhos da India, alforrecas e pão de rala! sombra de Trimalcião, chorai; chorai, sombra de Apicio!

E com tudo, o que era a glotonia romana comparada com a monstruosa gastronomia dos egypcios? Leia-se Plutarco: quinze foram os porcos assados para Antonio e Cleopatra enxugarem o estomago, n'uma occasião em que tinham bebido dois ou tres copinhos de agua antes de jantar. Leia-se Luciano: a terra, o mar, o céu forneceram os seus mais importantes productos para um jantar que a rainha do Egypto offereceu a Cesar. Inda mais; Cleopatra apostando com Antonio que era capaz de consummir n'uma só especie de comida dois milhões de sestercios, ficou victoriosa; porque apresentou um petisquinho de perolas que excedeu muito o valor da aposta!

Na verdade, repetimos, a arte de comer está de todo perdida!

BEATRIZ

V

Jacques tinha perdido, havia muito,
Seu velho pae, fidalgo dos mais nobres,
Modelo de honradez, que lhe deixara
Senão riqueza enorme, pelo menos,
Muito com que passar, vivendo a larga.
Tinha trinta annos; quanto ardor na vida
Podemos ter, de certo é n'este idade
Que mais vivo o sentimos, escaldando
O sangue e o coração; dava-se o caso
Com o nosso heroe: trinta annos tinha apenas:
Era gentil, loução, trigueiro um pouco,
Negro o cabello, olhar que embriagava,
Leve sorriso lhe adejava languido
Nos labios finos, labios que tremiam
A menor commoção; em quanto a espirito,
Era vivo, sarcastico, voluvel,
Borboleta fugaz, que errante andava
Buscando o sol, e as rosas entre-abertas,
Onde libasse o mel no doce calix!

Por tanto é de suppor que as aventuras
Não faltassem jámais, que cem donzellas,
Das mais lindas, lhe andassem como presas
Ao seductor olhar; penso até mesmo
Que, se a lua não fosse tam discreta
Como todos o sabem, contaria
Quantas vezes o vio galgando o muro
D'algun jardim de Armida, que deixasse
O thoro conjugal, e manso e manso
Descesse ao parque, a dar-lhe amor e vida,
Em transportes de jubilo fervente!

Isto são presumpções, eu não affirmo
Cousas de pouca monta, e muito menos
Estas, que vão bater mesmo de chapa
Na sacra honestidade das familias;
Mas tambem se a leitora não permite
Que eu traga estes capitulos a lume,
Então feche o romance, antes que o pejo,
E mesmo a indignação lhe core as faces.

O que passo a contar é simplesmente
Uma historia de amor, da qual é Jacques
O principal heroe; verei-se posso
Amenisar o conto, e desbraval-o
De certas asperesas que se encontram
Aqui e alli no texto primitivo.
Oh, não temam por mim! — a minha musa
É das de mais pudor que se tem visto;
Jamais roçou de leve as azas brancas,
Que o ceo lhe deu, nos lodaças immundos
De infames polluções; voa-me em torno,
Sorri d'estas loucuras innocentes
Da vida mundanal, conta-me tudo,
Inspira-se de um beijo que murmura
Entre as ramas do bosque immaranhado,
Mas foge a medo, a pomba espavorida,
Mal que o rudo bolicio das torpezas
Lhe fere, acaso, os virginaes ouvidos!

VI

Jacques era visita, e das mais intimas,
Do conde... (occulto o nome porque entendo
Que o pede a discrição), basta que saibam
Que o conde era casado co'a mais linda
É mais gentil mulher que eu tenho visto.
Chamava-se Beatriz, contava apenas
Vinte ou vinte e dois annos, quando muito.
A trança loura, a face desmaiada,
Pensativa no olhar, turgido o seio,
Languido o porte, a voz meiga e sonora
Como os chilros de amor da toutinegra.
Quando subito a cor lhe illuminava

O pallido semblante, refulgia
 Não sei que luz do céu n'aquelles olhos
 Quasi sempre — inda mal, — como escondidos
 Na carregada sombra das pestanas.
 Era o typo ideal d'essa belleza
 Que a mente esboça apenas, se delira
 Em namorados sonhos de poeta.

O conde amava-a co'o fervor ardente
 De um nobre coração; o mundo inteiro
 Resumia-se alli, n'aquella pomba
 Que arrulhava ao seu lado, e que entre beijos
 Lhe pagava extremosa tanto affecto.
 Oh, como os anjos bendiziam ledos
 Aquella santa paz, doce harmonia
 Em que dois corações, pulsando juntos,
 Se perdiam no céu, como o perfume
 Que ondêa e sobe a Deus no fim da tarde!

Não pensem que exagero, descrevendo
 D'esta maneira a rara formosura
 Da condessa, nem mesmo no que digo
 A respeito da limpida existencia
 Que passavam no mundo os dois esposos.
 Affirmo o que aventei, como mais tarde
 Hei de afirmar tambem.... basta não digo,
 Não quero acelerar o desenlace,
 Nem roubar à leitora alguns instantes,
 De pasmo e agitação, que, sem vaidade,
 Ha de por força ler nesta leitura.

VII

Amor tu és o esphinge, o ser divino
 Que inda ninguem na terra comprehendeu;
 O teu semblante é meigo e peregrino,
 Mas tens garras de tigre, que o sei eu!

Quem se inleva no magico sorriso
 Que a face te illumina de esplendor,
 Quando em teu seio encontra o paraíso,
 Sente que lhe entra n'alma a eterna dor.

Nas caricias subtis com que embriagas,
 O veneno mortal coberto vem:
 A perola gentil que sai das vagas,
 Negro limo do fundo traz tambem.

Mas tu és sempre bello; embora um dia
 Nos rasgues fibra a fibra o coração,
 Tens segredos de encanto e de alegria
 Onde se perde em jubilo a razão.

Que importa o mundo? — lugubre deserto,
 Onde se vaga, á toa, a suspirar,
 E onde, somente apoz o errar incerto,
 Vamos na morte a frente descançar!

Tudo é sombra em redor, tudo é tristeza,
 Nem siquer um botão promette flor,
 Negra saudade envolve a natureza... —
 E tudo canta e brilha á luz do amor.

Chovem do sol os raios matutinos,
 Reluz do orvalho o limpido crystal,
 Gorgéam pelo campo os pequeninos,
 E as tenras avesinhas pelo val.

Sóbe o perfume em ondas transparentes,
 Da montanha, da balsa, e do vergel;
 As abelhas, zumbindo, vão contentes
 Por entre as rosas procurando mel.

E tudo á tua voz, alma infinita,
 Que vens no mundo e em todos palpitar:
 Inteira a criação febril se agita
 Mal que um raio dos teus vê scintillar!

Amor, tu és o esphinge, ó ser divino
 Que inda ninguem na terra comprehendeu;
 Tens doce o olhar, o rosto peregrino,....
 Oh, mas garras de tigre, que o sei eu! —

(Continua.)

E. A. VIDAL.

DUAS MÃES

Ao sr. Thomaz Ribeiro,

per occasião do fallecimento de sua excellente mãe

Uma, quando não podes inda vela,
 os olhos te descerra á luz do dia;
 d'affectos se opulenta, e se disvela
 em ser no mundo teu celeste guia.

A outra, fronte candida singella,
 ante o filho dilecto se extasia,
 os segredos do genio te revela,
 e l'embala em torrentes d'harmonia.

Uma, sumindo o seu fulgor-d'estrella,
 dos anjos busca a doce companhia,
 que d'entré os anjos Deus chamou por ella

A outra não te deixa noite e dia
 — seculos durará, mas sempre bella...
 Uma era *Amalia*, a outra e...a *Poesia*.

Vizeu, outubro de 65.

CANDIDO FIGUEIREDO.

O USO DA PALAVRA

Dizia Talleirand: A palavra foi dada ao homem
 para que elle possa exprimir os seus pensamentos.
 Nós, porém, diremos, que ella lhe foi concedida,
 unicamente, para saber apreciar as vantagens do si-
 lencio.

A MORTE E O SEU MINISTRO

Quiz a morte escolher um ministro excellente:
 Peste, Febre, Asma e Gota acodem de repente:
 «Não, a morte lhes diz, toda a minha esperanza
 Fundo-a só na — Intemperança.»

... Quid non mortalia pectora cogis
 Auri sacra fames?

VIRGILIO.

Execranda sêde de ouro! que de crimes não
 inspiras aos mortaes?

Parece que a natureza que, tão sabiamente, dis-
 poz os orgãos do nosso corpo para tornar-nos fe-
 lizes, nos deu tambem o orgulho para poupar-nos
 a dor de conhecermos as nossas imperfeições.

LA ROCHEFOUCAULD.